

**A VARIANTE “GAMBÁ” E SUAS DIFERENTES
DENOMINAÇÕES EM FORMOSO DO ARAGUAIA–TOCANTINS**

Karina de Jesus Araujo (UNEMAT)

karina.araujo@unemat.br

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP)

msantiago@usp.br

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo apresentar as diferentes formas da variante “gambá” pelos falantes formosenses, traçando representações sociolinguísticas sob o aspecto semântico-lexical do(s) falar/falares dos migrantes nascidos ou que vivem nessa comunidade. E, a questão de partida é: “Como e por que essa lexia apresenta tais variações nesse município?”. Opta-se pela abordagem qualitativa, fundamentando-se, na Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional de Thun (2010) com a técnica dos três passos: perguntar, insistir e sugerir e, a aplicação da questão 71 do QSL/ALiB: “Como se chama o bicho que carrega os filhotes numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?”. Realizou-se um levantamento das variantes em dois pontos de inquérito: zona urbana e rural. Elegeu-se, 48 informantes para a aplicação dos três passos, dispostos em quatro grupos das variedades do português: maranhense (PM), gaúcho (PG), caipira (PC) e ribeirinho (PR), divididos em: geração mais jovem (GI) e mais velha (GII), masculino e feminino, totalizando 48 informantes. As análises consideraram lexias da área semântica fauna, pela sua ocorrência, frequência e divergência. Cartografou-se, os dados em mapas polifórmico e *status* da forma que retrataram as variantes. E, por fim, esta pesquisa traz como resultado as lexias predominantes como contribuição para a comunidade investigada, bem como, a sociedade e aos estudos dialetais do país.

Palavras-chave:

Variante. Formoso do Araguaia-TO. Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional.

ABSTRACT

The present research aims to present the different forms of the “gamba” (opossum) variant among the speakers from Formoso do Araguaia, tracing sociolinguistic representations in terms of the semantic-lexical aspect of the speech of migrants born or living in this community. The starting question is: “How and why does this lexeme exhibit such variations in this municipality?”. We opt for a qualitative approach, based on Thun’s (2010) Pluridimensional and Relational Dialectology, using the three-step technique of asking, insisting, and suggesting, and the application of question 71 from the QSL/ALiB: “What do you call the animal that carries its babies in a pouch in its belly and releases a very bad smell?”. Variants were surveyed at two investigation points: urban and rural areas. A total of 48 informants were selected for the application of the three steps, divided into four groups of Portuguese varieties: Maranhense (PM), Gaúcho (PG), Caipira (PC), and Ribeirinho (PR), further divided by younger generation (GI) and older generation (GII), as well as gender (male and female), totaling 48 informants. The analyses considered lexemes in the fauna semantic area, based on

their occurrence, frequency, and divergence. The data were mapped in polyformic maps and the status of the form that portrayed the variants. Finally, this research presents the predominant lexemes as a contribution to the investigated community, as well as to society and dialectal studies in the country.

Keywords:

Variant. Formoso do Araguaia-TO. Pluridimensional and Relational Dialectology.

1. *Introdução*

Este artigo apresenta um recorte extraído do Atlas Linguístico Regional intitulado “Atlas Semântico-Lexical de Formoso do Araguaia – Tocantins: A Dialectologia Pluridimensional e Relacional na Amazônia Legal” (ASeLFo). E, se baseia na abordagem da Dialectologia Pluridimensional e Relacional de Thun (2010) e nos princípios da teoria da Variação e da Mudança Linguística (Cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Essa análise considera diversas dimensões linguísticas, incluindo diatópicas, diastráticas, diagenéricas, diageracionais, dia-varietais e diarreferenciais. E, tem por intuito contribuir para os estudos dialetais da língua portuguesa brasileira e destacar a riqueza cultural local, investigando as variações linguísticas presentes no município de Formoso do Araguaia.

Nesse contexto, a variante “gambá” e suas várias denominações documentadas nesse município são o foco central deste estudo, a partir da questão 71 do Questionário Semântico-Lexical do Atlas linguístico do Brasil (QSL/ALiB): “Como se chama o bicho que carrega os filhotes numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?”, pertencente a área semântica – “fauna”. Formoso do Araguaia é reconhecida como a “Capital da Irrigação” e está próxima da “Ilha do Bananal” e das comunidades indígenas do tronco Macro-jê. O município é cortado por dois rios importantes: o rio Formoso, que é fundamental para o projeto de irrigação local e as plantações de arroz e melancia, e o rio Javaés, formado por um braço do rio Araguaia, conhecido por sua riqueza em peixes, como surubim, pirarucu, piauçu, boto, entre outros. Além disso, nas proximidades dos limites do município, estão localizadas as comunidades indígenas de Canuanã, São João e Porto Piauí, representando as etnias javaés, avá-canoeiros e krahô-canela, respectivamente.

Outro ponto relevante é a comunidade de Canuanã, na zona rural do município, que recebeu seu nome em homenagem à comunidade indígena vizinha. Nessa área, existe uma escola de educação básica da Fundação Bradesco, situada na Fazenda Canuanã, que desempenha um papel

crucial na formação dos alunos da região. A comunidade está próxima à Ilha do Bananal e abriga aproximadamente dois mil moradores.

Dada essa diversidade cultural e linguística, torna-se essencial discutir os aspectos semântico-lexicais dessa região. Nesse sentido, é fundamental investigar se as dimensões mencionadas anteriormente (diatópicas, diastráticas, diagenéricas, diageracionais, diavarietais e diarreferenciais, conforme Thun (2000a) exercem influência na linguagem cotidiana dos habitantes do município. Com o propósito de investigar o impacto do processo migratório na fala local de Formoso do Araguaia-TO, devido à sua diversidade linguística decorrente da presença de migrantes maranhenses, gaúchos, caipiras e ribeirinhos, bem como dos pioneiros da região, este estudo se concentrou na confirmação da hipótese de que a migração influenciou a linguagem local.

Além disso, o objetivo geral que orientou este trabalho foi analisar o processamento da variação e da mudança linguística na formação do léxico dos habitantes do município, explorando representações Dialetológicas Pluridimensionais e Relacionais, com foco no aspecto semântico-lexico da contribuição dos falantes migrantes, indígenas e nativos da comunidade. Para atingir esse objetivo, seguimos as dimensões estabelecidas por Thun (2000a, p. 189) e Thun (2005, p. 71) na Dialetologia Pluridimensional e Relacional, que incluem as seguintes dimensões: “diatópica, diastrática, diassexual, diageracionais, diafásica, diavarietais e diarreferenciais”. Dessa forma, o estudo busca compreender a influência do processo migratório e das diferentes dimensões da variação linguística na formação do léxico e da fala na comunidade de Formoso do Araguaia-TO.

2. Concepções teórico-metodológicas

2.1. A Dialetologia e a Sociolinguística

O desenvolvimento dos estudos linguísticos ao longo do tempo, destacando a contribuição dos neogramáticos da Universidade de *Leipzig*, que utilizaram o método histórico-comparativo no final do século XIX (Cf. FARACO, 2006). Esse método foi fundamental para o avanço da linguística histórica. A Dialetologia é apresentada como uma ciência que busca identificar e descrever as variações linguísticas, levando em conta fatores geográficos e socioculturais. Thun (2009) destaca a importância

do estudo empírico dialetológico, que analisa a variação linguística em diferentes aspectos, como idade, gênero, escolaridade, profissão e inserção social dos falantes. Além disso, ressalta a necessidade de uma convergência entre a Dialetologia e a Sociolinguística, embora ambas tratem dos aspectos sociais da linguagem de maneira diferente.

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) é considerado um marco na pesquisa geolinguística e dialetológica brasileira, reunindo pesquisadores de diferentes regiões do país para mapear as variantes da língua portuguesa, bem como destaca as diferentes fases da Dialetologia brasileira, desde o estudo do léxico até a sistematização da Geolinguística. O artigo menciona a importância dos pressupostos teóricos da Geolinguística, Dialetologia e Sociolinguística como base para pesquisas que buscam registrar e descrever as variações linguísticas em comunidades específicas (Cf. PHILIPPSEN, 2013).

A Sociolinguística, uma subárea da Linguística que estuda a relação entre linguagem e sociedade. O plurilinguismo é importante no estudo da Sociolinguística, pois propicia que diferentes línguas entrem em contato diariamente, permitindo o surgimento dos primeiros objetos de estudo da área (Cf. CALVET, 2002). Surgiu na década de 60, após a publicação da pesquisa intitulada *Sociolinguistics*, apresentada em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Alguns dos principais nomes que se tornaram referência para os estudos que relacionam linguagem e sociedade são William Labov, John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Rona.

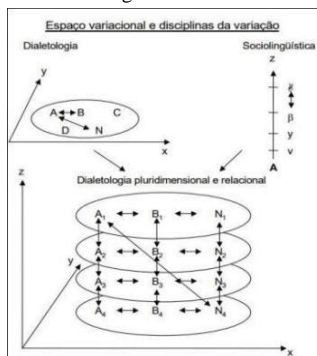
2.2. A Dialetologia Pluridimensional e Relacional

Este artigo embasa-se em uma pesquisa de Mestrado que utiliza a Dialetologia Pluridimensional e Relacional de Harald Thun como base teórica e metodológica para criar o Atlas Semântico-Lexical de Formoso do Araguaia – Tocantins: a Dialetologia Pluridimensional e Relacional na Amazônia Legal (ASeLFo). O objetivo do estudo é investigar as variações linguísticas nessa comunidade, considerando tanto as dimensões regionais/geográficas (diatópicas) quanto as sociais (diastráticas). Harald Thun desenvolveu a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, combinando a Dialetologia Areal e a Sociolinguística, que antes eram tratadas separadamente. Essa abordagem amplia o campo da Geolinguística para uma perspectiva tridimensional, incluindo a variação diatópica e conside-

rando as variáveis extralinguísticas, como gênero, idade e escolaridade dos falantes.

Algumas características importantes da abordagem de Thun (2000; 2002; 2005; 2009; 2010) são destacadas, incluindo a pluralidade de informantes, a análise das variedades *standart* e *substandart* e das variedades em contato, o uso de sugestões pelo entrevistador aos informantes, e a incorporação de diferentes perspectivas cronológicas na análise de dados. Vale ressaltar que essa abordagem não invalida os estudos anteriores, mas busca uma representatividade mais abrangente nas análises linguísticas, considerando diversas dimensões, como a diatópica-cinética, diastrática, diageracional, diasssexual, dialingual, diafásica e diarreferencial (THUN, 2005). Ademais, a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional é vista como uma evolução das ideias de Abbé Rousselot e Tomás Navarro Tomás, e é representada como uma estrutura variacional na perspectiva tridimensional que conecta a Dialetoлогия monodimensional e o eixo vertical da Sociolinguística.

Figura 01: A Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional.



Fonte: Thun (1998, p.705)

O esquema desenvolvido por Thun (1998) representa uma abordagem tridimensional da Dialetoлогия, combinando as dimensões diatópicas (regionais/geográficas) no eixo horizontal e as dimensões diastráticas (sociais) no eixo vertical. Isso permite a exploração e análise das variações linguísticas em contextos espaciais e sociais dos falantes, indo além da perspectiva monodimensional. A Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional é sistematizada por meio do *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU, 1989). Thun (2000) destaca que essa

abordagem Pluridimensional pode responder a duas questões anteriormente sem solução. A primeira pergunta se refere à extensão de um fenômeno linguístico entre falantes de uma mesma região que compartilham níveis sociais, grupos geracionais ou estilos semelhantes. A segunda questão busca compreender o grau de abrangência de um fenômeno linguístico em diferentes camadas da sociedade, considerando várias gerações, estilos de fala, entre outros.

As concepções relacionadas à pluridimensionalidade ampliam a diversidade de perfis dos informantes, adaptando-se ao contexto específico da pesquisa linguística. Harald Thun (1998) enfatiza que a abordagem da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional não se limita à Dialetoлогия tradicional e à Sociolinguística, pois considera igualmente os fenômenos linguísticos em suas diversas dimensões, seja ela diatópica (geográfica), diastrática (social) ou diafásica (relacionada ao estilo de fala). Para conduzir esta pesquisa, foram adotados os parâmetros e dimensões definidos por Thun (2000a, p. 189):

Figura 02: Parâmetros e dimensões da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional.

Dimensões	Parâmetros
Diatópica	Rede de pontos: zona urbana e zona rural
Diageracional	(GI) Geração de Jovens – 18 a 40 anos
	(GII) Geração de Velhos – acima de 50 anos
Diassexual	Homem – masculino
	Mulher - feminino
Diastrática	Estratos sociais/escolaridade
	Classe baixa (Cb) – até ensino médio completo
Diarreferencial	Fala objetiva
	Fala metalingüística
Diafásica	Ferramenta dos três passos: perguntar, insistir e sugerir/sugêrencia.

Fonte: elaborado pela autora a partir de Altenhofen (2016, p. 375).

O esquema apresentado por Thun (2009) introduz uma abordagem cronológica para a Dialetoлогия, destacando quatro fases distintas: Nanocronologia, Microcronologia, Mesocronologia e Macrocronologia.

A Nanocronologia: nesta fase, analisa-se o modo de fala contínuo de um falante, sem interrupções de outros envolvidos na conversa. Ele-

mentos de estilo, como a palatalização em palavras como “tia” e “dia,” são observados. Além disso, essa fase considera variáveis não linguísticas, como idade e sexo. A Microcronologia: se concentra no modo de fala de um informante durante uma conversa livre, incluindo respostas espontâneas, comentários metalinguísticos e momentos de leitura. A fonética é um campo produtivo nesta fase, mas a dialetologia monodimensional limita-se a respostas transcritas na língua padrão.

A Mesocronologia: está relacionada à Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Ela explora as formas linguísticas usadas por falantes em diferentes grupos sociais, levando em consideração variáveis como idade, sexo e escolaridade. Isso permite observar a variação e a mudança linguística ao longo do tempo. A Macrocronologia: envolve a análise comparativa da fala de informantes de gerações separadas por um longo período de tempo. Os dados podem ser coletados por meio de repetição sucessiva no mesmo grupo (análise de painel) ou pela comparação de duas séries de materiais de diferentes períodos, mas coletados no presente. A macrocronologia aborda várias dimensões, como a diatópica, diastráticas, diageracional, diassexual, diafásica e diarreferencial.

Assim, o esquema de Thun (2009) fornece uma estrutura cronológica para a análise dialetológica, explorando desde o modo de fala individual até a comparação de gerações separadas no tempo, abrangendo uma variedade de dimensões linguísticas e extralinguísticas. Essas fases permitem uma compreensão mais profunda da variação e mudança linguística em diferentes contextos sociais e históricos.

3. Metodologia

3.1. Tratamento dos dados

O presente artigo apresenta em sua metodologia um estudo de abordagem qualitativa que se baseia na obra “Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som” de Martin e Gaskell (2008). O estudo tem como objetivo analisar os aspectos semântico-lexicais das palavras em diferentes áreas semânticas, considerando sua ocorrência, frequência e divergência. A pesquisa se concentra na comunidade linguística de Formoso do Araguaia, Tocantins, conhecida por sua diversidade lexical.

A abordagem utilizada é a Dialectologia Pluridimensional e Relacional, que busca registrar diferentes formas de fala dentro da comunidade. Para isso, são empregadas ferramentas como o Sistema em Cruz de Thun (2010), as dimensões da teoria Sociolinguística de Labov (2008) e o Questionário Semântico-Lexical (QSL) com 202 questões relacionadas a 14 áreas semânticas. Entretanto, elegeu-se a área semântica – “fauna” e, a questão 71: “Como se chama o bicho que carrega os filhotes numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?”, para o desenvolvimento desse artigo.

O estudo também destaca a importância das características históricas, culturais e linguísticas de Formoso do Araguaia. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Mato Grosso e seguiu as resoluções 466/2012 e 510/2016 da CONEP. Durante a coleta de dados, foram tomadas medidas de segurança devido à pandemia de Covid-19, incluindo o uso de máscaras e álcool em gel, bem como o distanciamento social. Assim, surge a necessidade de apresentar a metodologia adotada na pesquisa, que será detalhada na sequência do estudo.

3.2. Rede de pontos

Nesse contexto, destaca-se a necessidade de criar um Atlas Semântico-Lexical de Formoso do Araguaia (ASeLFo) com base no Atlas Linguístico do Brasil. Isso envolve a delimitação de pontos de pesquisa com base em critérios como relevância histórica, densidade demográfica e distribuição espacial da comunidade. A pesquisa abrange tanto a área urbana quanto a rural do município, levando em consideração o crescimento da população urbana em detrimento da rural e as mudanças linguísticas resultantes disso.

A escolha da área rural, especificamente a Fazenda de Canuanã, é destacada como importante para analisar as diferenças linguísticas entre a área urbana e rural. A pesquisa inclui pontos de investigação em várias variedades do português e divide o município em setores socioculturais, observando bairros antigos e novos, bem como diferenças na escolaridade. Desse modo, observa-se que a área de pesquisa dialetal é determinada por vários fatores, incluindo a situação geográfica, contexto histórico, economia e demografia da região. No contexto desses elementos, a inclusão da comunidade rural como ponto de pesquisa é crucial para analisar e comparar o léxico usado em Formoso do Araguaia.

Figura 03: Pontos de Inquérito – variedades e números de habitantes.

Área Urbana e Rural	Ponto	Grupos por Variedades	Nº de hab.
Zona Urbana	1	Português Maranhense	13.333
		Português Gaúcho	
		Português Caipira	
Área Rural	2	Fazenda de Canuanã/Fundação Bradesco	1.626

Fonte: Elaboração própria.

3.3. Perfil dos Informantes

As concepções metodológicas dessa pesquisa se concentram na variação linguística de Formoso do Araguaia, no Tocantins. E, assim considera duas gerações de informantes: a Geração um (GI), composta por pessoas mais jovens de 18 a 40 anos, e a Geração dois (GII), composta por pessoas mais velhas de 50 anos ou mais, que viveram em Formoso do Araguaia por mais de trinta anos.

Dessa forma, analisa-se as respostas dos informantes com base em quatorze áreas semânticas do Questionário Semântico Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Para evitar distorções nos resultados, segue-se os critérios do ALiB na escolha dos informantes e evitando assim inclusão de participantes da mesma família, embora tenham enfrentado dificuldades em encontrar informantes que atendessem ao perfil desejado. As entrevistas foram conduzidas individualmente com a aplicação do QSL. O perfil dos informantes incluiu um total de 32 pessoas, igualmente distribuídas por gênero e escolaridade, com 16 homens e 16 mulheres. Quatro grupos varietais foram considerados com base em diferentes variedades do português (maranhense, gaúcho, caipira e ribeirinho). Para equilibrar os grupos varietais, 16 informantes adicionais foram entrevistados para o terceiro passo da pesquisa.

Ao final, o perfil dos informantes foi composto por um total de 48 pessoas, distribuídos de maneira equitativa em termos de gênero, idade e escolaridade, com o objetivo de analisar a variação linguística em Formoso do Araguaia.

3.4. Coleta de dados

Os procedimentos adotados para a coleta de dados desse estudo linguístico constituem seu *corpus* mediante encontros presenciais grava-

dos, questionários impressos com anotações, transcrições e medidas de biossegurança para evitar contaminação durante a pandemia de Covid-19. Foram utilizados intermediadores para facilitar o contato com os informantes antes das visitas aos locais de pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas, seja presencialmente ou por meio de plataformas digitais, e as respostas relacionadas a 202 questões foram transcritas. Além disso, observa-se a importância de o pesquisador conhecer a técnica de pesquisa e realizar testes prévios para obter dados confiáveis. O *corpus* do estudo foi composto por variantes que representam variações semânticas no significado das expressões linguísticas.

4. Resultados e discussões

4.1. Descrição e Análise

Os resultados alcançados nesse estudo foram observados mediante as análises e a utilização do texto do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) durante uma pesquisa de campo, combinado com a aplicação da ferramenta dos “três passos” de Thun (2010) para entrevistas. Esses três passos envolvem perguntar e esperar a primeira resposta espontânea do entrevistado, insistir para estimular a memória do entrevistado e sugerir variantes que não foram mencionadas inicialmente. O uso dessa abordagem ajuda o entrevistado a lembrar de outras variantes linguísticas conhecidas e é relevante para a Geolinguística moderna.

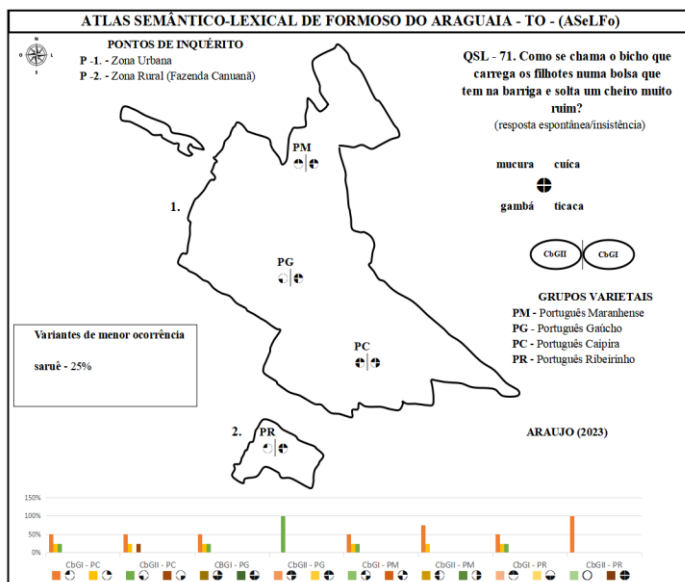
Durante o segundo passo, a insistência, o pesquisador incentiva o entrevistado a refletir sobre suas memórias linguísticas, incluindo influências de gerações anteriores, como avós e bisavós. Isso ajuda a entender como a língua evolui ao longo das gerações. O texto também menciona os comentários metalinguísticos feitos pelos entrevistados durante as entrevistas, em que eles relacionam certas variantes linguísticas a regiões geográficas ou gerações passadas, como “isso é coisa de gaúcho” ou “meus avós falavam assim”. Esses comentários são importantes para a pesquisa e podem revelar informações valiosas sobre a evolução linguística. Além disso, destaca-se a importância de considerar a dimensão diarreferencial ao explorar a pluralidade de informantes, pois cada entrevistado pode representar uma rede de influências linguísticas que inclui avós, pais, vizinhos e outros.

Portanto, a aplicação da técnica dos “três passos” de Thun (2010) e a atenção aos comentários metalinguísticos são ferramentas essenciais para a pesquisa linguística que busca compreender a evolução da língua ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais e geográficos. Assim, observa-se na sequência os mapas produzidos a partir dos dados coletados.

4.2. Os Mapas polifórmicos

O mapa polifórmico “Gambá” registra as variações lexicais mais significativas nas respostas espontâneas à pergunta 71: “Como se chama o bicho que carrega os filhotes numa bolsa que tem na barriga e solta um cheiro muito ruim?”. A figura 04 apresenta a cartografia produzida a partir da aplicação do 1º e 2º passo de Thun (2010): *perguntar* e *insistir*.

Figura 04: Mapa polifórmico – “Gambá”.



As diferentes variações linguísticas, conforme relatadas pelos informantes dos quatro grupos das variedades do português (PM), (PG), (PC) e (PR), incluem as seguintes palavras: *mucura*, *cuíca*, *gambá*, *ticaca*

e *saruê*. Nonato (1980, p. 238) documenta a variante “gambá” no Rio Grande do Norte, com o seguinte significado: “Espécie de roedor, também conhecido como timbu. O gambá emite um odor desagradável, ataca as galinhas e tem uma queda por cachaça, chegando a ficar tonto. Daí, a expressão popular “bebe como um gambá”. O autor também apresenta a forma “mucura”, que significa “cadeia”, “prisão”, “xadrez” ou “xilindró”. Além disso, ele menciona que “mucura” pode se referir a um piolho preto que infesta porcos, o que demonstra um significado semântico oposto à variante registrada pelos formosenses (Cf. NONATO, 1980, p. 318).

Seraine (1991, p. 247) registra no Ceará a palavra “mucura” com o significado de “denominação apenas conhecida na região, importada da Amazônia, onde substitui, no uso popular, o sinônimo cearense “cassa-co”. O autor também documenta a variante “ticaca”, que é sinônima de “maritacaca”, “jerita” e “gambá”, e se refere a um animal da família Mustelídeos”. Após a contextualização de algumas das variações documentadas, apresentamos a análise das formas registradas pelos grupos de variedades linguísticas:

- i. O grupo (PM) apresenta para a (CbGII) as palavras “*mucura*” e “*cuíca*”, representando um conhecimento de 50% das formas documentadas. Enquanto isso, os (CbGI) registram as palavras “*mucura*”, “*cuíca*” e “*gambá*”, totalizando 75% das variantes no mapa.
- ii. O grupo (PG) registra apenas a palavra “*gambá*” para a (CbGII), correspondendo a um conhecimento de 25% das formas documentadas. Por outro lado, a (CbGI) documenta “*mucura*”, “*cuíca*” e “*gambá*”, alcançando 75% de conhecimento das variantes no mapa.
- iii. O grupo (PC) apresenta para a (CbGII) as palavras “*mucura*”, “*cuíca*” e “*gambá*”, o que equivale a 75% das variantes documentadas. Enquanto isso, a (CbGI) registra “*mucura*”, “*cuíca*” e “*ticaca*” de forma espontânea, também com um percentual de 75% das variantes cartografadas.
- iv. Finalmente, o grupo (PR) registra apenas a palavra “*mucura*” para a (CbGII), correspondendo a 25% das formas documentadas. Enquanto a (CbGI) registra “*mucura*”, “*cuíca*” e “*gambá*”, totalizando 75% de conhecimento das variantes no mapa.

Brasil central” (ORTÊNCIO, 1983) e o “Dicionário de folclore brasileiro” (CASCUDO, 1988). Além disso, Ferreira (2004) apresentou diferentes formas para essa variante, incluindo “raposa/raposo, *saruê*, *jaritataca*, *cassaco*, *mucura* e *ticaca*”. Ferreira (2004, p. 1947) registra a forma “*ticaca*” - como uma variante de – *gambá*”. Por sua vez, Romaguera Córrea *et al.* (1964, p. 215) apresenta: “*gambá* - um marsupial, de cor gris, terrível inimigo das galinhas”.

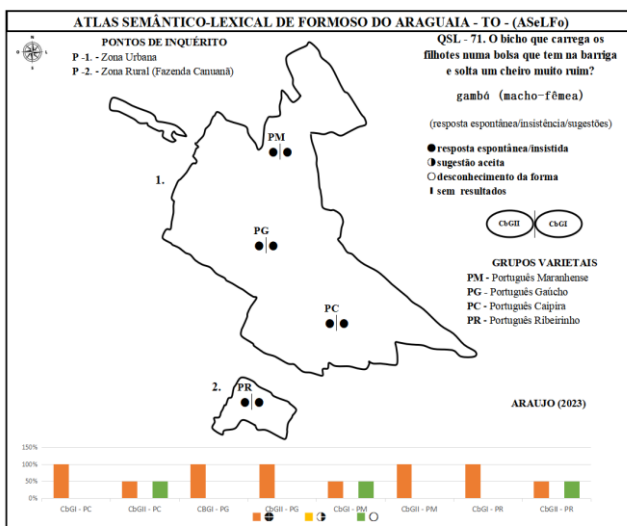
- i. Neste contexto, o grupo (PM) apresenta um conhecimento completo das variantes sugeridas para a (CbGII), registrando as formas: *gambá* (macho/fêmea), *mucura* e *ticaca*, o que reflete uma taxa de conhecimento de 100%. Por outro lado, a (CbGI) registra de forma espontânea as formas: *gambá* (*macho/fêmea*) e *mucura*, as quais são aceitas pelos informantes do grupo (CbGI), representando assim 66,6% das variantes cartografadas.
- ii. No que diz respeito ao grupo (PG), apresenta para as duas gerações de (CbGII) e (CbGI), apenas uma variante aceita de forma espontânea: *gambá* (*macho/fêmea*), totalizando um conhecimento de 25% das variantes cartografadas.
- iii. Enquanto, o grupo (PC) apresenta apenas uma forma aceita para a (CbGII): *gambá* (*macho/fêmea*), representando 25% das formas documentadas, uma vez que a (CbGI) registra as formas *gambá macho/fêmea* e *mucura*, com um percentual de 66,6% das variantes cartografadas.
- iv. Adicionalmente, o grupo (PR) demonstra pleno conhecimento das variantes presentes no mapa para a (CbGII), registrando as formas: *gambá* (*macho/fêmea*), *mucura* e *ticaca*, refletindo uma aceitação e conhecimento de 100%. No entanto, a (CbGI) documenta apenas uma variante aceita: *gambá macho/fêmea*, totalizando um conhecimento de 33,3% das formas documentadas.

Na sequência, apresenta-se o *status* da forma – “*gambá*” (macho/fêmea), pela sua representatividade.

4.3. Mapa Status da forma – “gambá”

Apesar da notável presença da variante “*mucura*” entre os informantes dos quatro grupos de variedades do português (PM, PG, PC e PR), a lexia “*gambá*” (macho/fêmea) ainda é a mais frequentemente utilizada pelos informantes. Dessa forma, é possível constatar esse contexto através do *status* da forma, conforme registrado. O mapa demonstra que as duas gerações, tanto do (CbGII) quanto (CbGI), nos quatro grupos varietais (português maranhense, português gaúcho, português caipira e português ribeirinho), aceitam de forma natural o uso da variante – “*gambá*” (macho/fêmea).

Figura 06: Mapa lexical *status* da forma – “Gambá” (macho/fêmea).



Assim, obras como o “Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa” (FERREIRA, 2004), o “Vocabulário Sul-Rio-Grandense” (ROMAGUERA CÔRREA, *et al.*, 1964), o “Dicionário do Brasil Central” (ORTÊNCIO, 1983) e o “Dicionário de Folclore Brasileiro” (CASCUDO, 1988) registram a forma – “*gambá*” (macho/fêmea). Além disso, Ortêncio (1983, p. 201) documenta essa variante com a seguinte definição: “*gambá*” – animal comedor de galinha. Variedades de “*gambá*”: “*saruê, gambá-saruê, mucura*”, algumas expressões populares: “*bêbado como um gambá*” e “*um gambá cheira outro*”.

5. *Considerações finais*

Este estudo cartografou uma enorme quantidade de variantes faladas no município. Para isso, adotou-se para o registro das lexias: um diário de bordo – comentários metalinguísticos dos informantes e após a coleta de dados, as gravações foram transcritas e organizadas em planilhas do *Excel*, a partir do material escrito e acústico, recolhidos em campo. Assim, os mapas foram elaborados a partir da base de dados catalogados e da base cartográfica. Além disso, para compor a cartografia utiliza-se os símbolos *Kiel* e a representação simbólica da cruz, a partir dos princípios da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional para descrever e analisar as formas lexicais em mapas polifórmicos e de *status* da forma, agregando também a base estatística.

Para esta pesquisa, elegeu-se a apenas a classe social baixa (Cb), a partir de seu contexto migratório e contatual e, por isso a cruz foi reduzida apenas à uma barra que divide as duas gerações. Assim, após a elaboração dos mapas pluridimensionais para cada questão do (QSL), inicia-se então, o momento de descrição e das variantes, a partir da cartografia linguística produzida e, da contribuição de estudos lexicográficos e dialetais que possibilitaram a análise e discussão dos resultados. Observa-se que a aplicação da técnica dos três passos, evidencia que os grupos distintos pela variedade português que foram pesquisados, maranhenses, gaúchos, caipiras e ribeirinhos, retratam mudanças linguísticas, a partir de empréstimos entre os informantes. É possível perceber, que mesmo nas respostas espontâneas, com os dois passos: *perguntar* e *insistir* e, ainda na *sugerência*, que os informantes de origem gaúcha apresentam em seu repertório muitas formas linguísticas do português maranhense e caipira, como na pergunta *71/gambá* – com as lexias *mucura* e *cuíca*.

Este artigo parte da hipótese de que o processo migratório exerceu influência significativa sobre a linguagem local, o que foi confirmado durante as análises das cartografias. Os maranhenses, por sua representatividade na formação da variedade dialetal local, exercem uma influência considerável, especialmente sobre os informantes ribeirinhos de regiões vizinhas. Além disso, é importante ressaltar que todos os objetivos previamente estabelecidos foram plenamente alcançados. Nesse contexto, ressalta-se a relevância e a legitimidade desta pesquisa não apenas para a comunidade acadêmica, bem como para a comunidade pesquisada e suas instituições de ensino. Além disso, oferece como contribuição para essa comunidade e, ainda para os educadores, o reconhecimento e a valoriza-

ção da sua realidade linguística e o impacto de suas influências culturais nas variações que se incorporam à língua portuguesa local.

Portanto, esse recorte da minha Dissertação de Mestrado demonstra a representatividade dos estudos dialetológicos desenvolvidos no município de Formoso do Araguaia, no estado do Tocantins, e em todo o país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. As migrações e os contatos linguísticos na Geografia Linguística do Sul do Brasil – Bacia do Prata. In: AGUILERA, V.A.; ROMANO, V.P. (Orgs). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016.

AUGUSTO, V. L. D. dos S. *Atlas semântico-lexical do estado de Goiás (ASELGO)*. 2013. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CALVET, L. J. *Sociolinguística uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CASCUDO, L. da C. *Dicionário de folclore brasileiro*. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2006.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. (Orgs). *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS): Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC, 2011. 512p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232185>.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTIN, W. B.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

NONATO, R. Calepino potiguar – gíria rio-grandense. *Rio Grande do Norte: Coleção Mossoroense*, v. CXIX, 1980.

ORTÊNCIO, W. B. *Dicionário do Brasil central*. São Paulo: Ática, 1983.

PHILIPPSEN, N. I. *A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. 1075f.

ROMAGUERA CÔRREA, J. C.de *et al. Vocabulário sul-rio-grandense*. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1964.

SÁ, Edmilson José de. *Atlas Linguístico de Pernambuco (ALiPE)*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. 417f.

SILVA, G. A. da. *Atlas linguístico e topoestático do estado do Tocantins (ALITTETO)*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018. 394f.

SERAINE, F. *Dicionário de termos populares*. 2. ed. Fortaleza: Stylus Comunicações, 1991.

THUN, H. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático do Uruguay). In: International Congress of Romance Linguistics and Philology. *Atti del XXI Congresso internazionale di linguistica e filologia romanza*, 21, 1995, Palermo. A cura di Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-29, 787-9, v. 5.

_____. O português americano fora do Brasil. In: GARTNER, E; HUNDUT, C.; SCHONBERGER, A. *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt am Main, TFM, 2000a. p. 185-227

_____. Geografia linguística e reti di comunicazione. In: KREFELD, T. *Spazio vissuto e dinâmica linguística varietà meridional in Italia e in situazione di extraterritorialità*. Frankfurt am Main, Peter Lang, 2002. p. 25-46

_____. *A dialetologia pluridimensional no rio da Prata*. In: Zilles, A. M. S. (Org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. p. 63-92

_____. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). *Para a história do português brasileiro*, v. VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. p. 531-58

_____. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, A. *et al.* *Language and space: language mapping: an international handbook of linguistic variation*. Walter Gruyter GmbH: Berlin and New York, 2010. p. 506-23

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.